

METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA EM DESMUNDO, DE ANA MIRANDA

Gislaine da Silva Feitosa¹, Ana Carolina Negrão Berli de Andrade²

Resumo: Neste trabalho, teremos como corpus a obra *Desmundo* (1996), da autora brasileira Ana Miranda. A obra vincula-se, assim, a uma vertente comum ao pós-modernismo, a metaficção historiográfica, que problematiza os discursos históricos tidos como oficiais, começando a questioná-los e dando chance às vozes que foram silenciadas na História. Linda Hutcheon (1991) chama essas vozes de ex-cêntricas, por terem permanecido às margens desses discursos históricos. Nesse sentido, percebemos que a obra de Ana Miranda reconta criticamente um momento histórico, a colonização brasileira, mas dessa vez pela voz dos esquecidos, nesse caso, de mulheres, tendo em vista que apenas o ponto de vista dos portugueses foi apresentado oficialmente na História. Nossa metodologia é bibliográfica e teremos como base o texto da teórica Linda Hutcheon *Poética do pós-modernismo* (1991), mas também remeteremos a outros autores, como Antônio Esteves (2010). Nosso objetivo é analisar como a obra em questão oferece uma nova perspectiva sobre a colonização no Brasil, através do ponto de vista de Oribela, uma personagem ficcional, mas que é representante de uma minoria ausente de nossos registros históricos.

Palavras-chave: Pós-Modernismo. Metaficção historiográfica. Desmundo. Ana Miranda.

1. Introdução

Neste trabalho, teremos como corpus a obra *Desmundo* (1996), da autora brasileira Ana Miranda. A obra vincula-se, assim, a uma vertente comum ao pós-modernismo, a metaficção historiográfica, que problematiza os discursos históricos tidos como oficiais, começando a questioná-los e dando chance às vozes que foram silenciadas na História. Linda Hutcheon (1991) chama essas vozes de ex-cêntricas, por terem permanecido às margens desses discursos históricos. Nesse sentido, percebemos que a obra de Ana Miranda reconta criticamente um momento histórico, a colonização brasileira, mas dessa vez pela voz dos esquecidos, nesse caso, de mulheres, tendo em vista que apenas o ponto de vista dos portugueses foi apresentado oficialmente na História.

Dessa forma, neste trabalho, problematizamos a relação entre a História e a Literatura, isto porque no pós-modernismo iniciam-se questionamentos em relação à veracidade dos discursos históricos considerados como únicos e verdadeiros. *Desmundo* será, portanto, analisada a partir do conceito de metaficção historiográfica, já que essa

¹ Universidade Regional do Cariri/Missão Velha, email: gislaine.urcamv@gmail.com

² Universidade Regional do Cariri/Missão Velha, email: nba.anacarolina@gmail.com

V SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXIII Semana de Iniciação Científica

07 a 11 de Dezembro de 2020

Tema: “Os impactos e desafios da pandemia pela COVID-19 no ensino, pesquisa e extensão”



obra faz uma releitura sobre a colonização no Brasil, abordando uma perspectiva divergente da dos documentos estabelecidos como oficiais ao longo da nossa história.

2. Objetivos

Nosso objetivo é compreender as relações mantidas entre literatura e a história e, especificamente, analisar como a obra *Desmundo* (1996), de Ana Miranda se constrói a partir da intertextualidade com textos historiográficos, representando a história do Brasil colonial ficcionalmente e com um viés crítico. Analisaremos essa revisão crítica por meio da perspectiva da narradora-protagonista Oribela, ou seja, a partir da visão de uma “ex-cêntrica”, de modo a “preencher” as lacunas deixadas pela história oficial.

3. Metodologia

Nossa metodologia será a bibliográfica, tendo como aporte teórico Linda Hutcheon e o seu texto *Poética do pós-modernismo* (1991), Antônio Esteves como seu texto *O romance histórico brasileiro contemporâneo* (2010), Márcia Valéria Zamboni Gobbi, Karla Vivianne Oliveira Santos com o seu artigo científico “Mulheres no Brasil colonial: metaficção, violência e subalternidade em *Desmundo*, de Ana Miranda” e as teorias de Dialogismo e Polifonia, estabelecidos pelo teórico Mikhail Bakhtin. Esses autores nos fornecem um aporte teórico para a problematização da relação entre a história e a literatura, como também sobre a conceituação de metaficção historiográfica e ex-cêntrica, conceitos importantes para a análise do *corpus* deste trabalho.

4. Resultados Parciais

Tornou-se mais frequente no Pós-Modernismo, uma problematização entre o discurso histórico e o texto literário, isto porque iniciaram-se questionamentos em relação à veracidade dos discursos históricos considerados como únicos e verdadeiros. Sendo a História e a Literatura duas ciências, foi designada a cada uma função específica ao longo do tempo: à História foi designada a função de registrar os acontecimentos históricos que ocorreram, por isso, atribui-se a essa ciência um certo compromisso com a verdade. Por outro lado, à Literatura foi designada a função da ficção, ou seja, histórias inventadas, possuindo apenas uma verossimilhança com a realidade (SANTOS, 2019, p. 6).

Logo, coube à Literatura uma definição subjetiva, isto é, mais propensa à imaginação, àquilo que não é real, mas inventado, enquanto a História possuiria um lado mais objetivo, mais racional, em suas narrativas históricas. No entanto, entende-se que as duas ciências são propensas à subjetividade, pois os mecanismos de construções narrativas são muito parecidos e a construção dos registros históricos e literários são constructos humanos. Portanto, começa-se a questionar se o discurso histórico é tão imparcial como se pensava.

Assim, mesmo que a Literatura seja ligada à ficção, ela invade o campo da História, utilizando-se de seus registros e fatos históricos, produzindo assim, uma “meia verdade” em seus textos fictícios, porque, mesmo que a Literatura seja relacionada à ficção, ao imaginário, os acontecimentos históricos incluídos nas narrativas literárias

V SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXIII Semana de Iniciação Científica

07 a 11 de Dezembro de 2020

Tema: “Os impactos e desafios da pandemia pela COVID-19 no ensino, pesquisa e extensão”



serão relacionados à uma realidade histórica que existiu e que foi documentada, mas sendo ressignificada na Literatura, ganhando uma outras forma, outras versões.

Portanto, no Pós-Modernismo enfatiza-se a reflexão sobre essa possível subjetividade dos registros históricos, pois, a História e a Literatura possuem procedimentos em comum, entre eles a narratividade, característica comum aos textos literários e históricos, uma vez que assim como os primeiros narram histórias, nos documentos históricos acontece a narração dos acontecimentos do passado. Além da narratividade, História e Literatura também são marcadas pela subjetividade, pois as duas narrativas são construtos humanos.

Ao contrário do ficcionista que inventa as suas histórias, o historiador encontra e interpreta os acontecimentos a partir de sua ideologia e visão de mundo. Por isso, esses discursos históricos estariam propensos à parcialidade do historiador, pois não haveria uma espécie de neutralidade em seus discursos, porque seriam motivados por suas ideologias e crenças, podendo manipular os registros oficiais para o seu próprio interesse, seja político, econômico, religioso, social ou cultural. Também é importante levar em consideração o período em que o texto foi registrado, pois o historiador poderia ser motivado por seus ideais e suas interpretações da época, como também seus ideais poderiam ser influenciados pela ideologia vigente da época, sendo essas interpretações depositadas nos registros históricos.

Desse modo, o Pós-Modernismo enfatiza essa problematização, não negando o passado, ou o conhecimento já mostrado e registrado, mas questionando se só poderemos conhecer o passado por meio desses registros históricos (HUTCHEON, 1991), tendo em vista que, esses registros foram proferidos de acordo com uma perspectiva padronizada, homogeneizante, ou seja, por trás deles, estão figuras de grupos considerados dominantes, representados pelo homem branco, europeu e heterossexual.

Nesse sentido, a Literatura pode ser um meio a oferecer outra visão sobre os acontecimentos ocorridos no passado, utilizando a história oficial como uma base, mas mostrando outras perspectivas possíveis de interpretações do que ocorreu no passado. A perspectiva oficial e homogênea que permeou nossa história por muitos séculos é confrontada a uma ideologia pós-moderna de pluralidade de discursos, perspectivas e de reconhecimento das diversidades socioculturais existentes na nossa sociedade.

Uma das formas de questionar essa contradição é pela metaficção historiográfica, uma das formas do gênero romance que ganha destaque no pós-modernismo. A metaficção historiográfica não irá aceitar o senso comum para distinguir o fato histórico da ficção. Ela irá recusar a visão de que a História pode impor uma verdade, levando em consideração o fato de que tanto a História é moldada por discursos, sendo um construto humano tanto quanto a Literatura, sujeita, portanto, à parcialidade e à subjetividade (HUTCHEON, 1991). A metaficção, então surge como um meio de questionar esse discurso histórico, trazendo releituras, fazendo revisões críticas de acontecimentos do passado, mostrando versões divergentes as dos documentos oficiais. Portanto, a Literatura utilizará como base para sua investigação os documentos e fatos históricos para mostrar outras versões.

Tendo em vista que, a nossa sociedade mudou, assim como nossa forma de pensar, a partir do momento em que esses discursos passam a ser questionados, perspectivas diferentes começam a ganhar espaço, dando chance àquelas vozes que foram silenciadas ao longo da nossa história. Linda Hutcheon (1991) chama essas vozes de excêntricas, pois

V SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXIII Semana de Iniciação Científica

07 a 11 de Dezembro de 2020

Tema: “Os impactos e desafios da pandemia pela COVID-19 no ensino, pesquisa e extensão”



são figuras que permaneceram às margens ao longo da nossa história, para que o centro, ou seja, o “padrão universal” unilateral estabelecido pela sociedade, dominasse os meios, os discursos oficiais. Segundo Linda Hutcheon:

Quando o centro começa a dar lugar às margens, quando a universalização totalizante começa a desconstruir a si mesma, a complexidade das contradições que existem dentro das convenções – como, por exemplo, as de gênero – começam a ficar visíveis (Derrida 1980; Hassan 1986). A homogeneização cultural também revela suas rachaduras, mas a heterogeneidade reivindicada como contrapartida a essa cultura totalizante (mesmo que pluralizante) não assume a forma de um conjunto de sujeitos fixos (cf. Russell 1985, 239), mas, em vez disso, é concebida como um fluxo de identidades contextualizadas: contextualizadas por gênero, classe, raça, identidade étnica, preferência sexual, educação, função social, etc. Conforme veremos em breve, essa afirmação da identidade por meio da diferença e da especificidade é uma constante no pensamento pós-moderno. (HUTCHEON, 1991, p.86)

Nesse sentido, a metaficção historiográfica surge como uma forma que permite a essas vozes excêntricas um espaço de fala. Podemos também chamá-las de minorias ou de vozes marginalizadas, termo que se origina justamente na oposição entre margens e centros dominantes. Essas figuras marginalizadas são os negros, os pobres, os homossexuais, as mulheres, ou seja, figuras silenciadas por grupos dominantes, os quais estabeleceram um padrão do que é certo e errado de acordo com os próprios paradigmas.

Sendo assim, a obra *Desmundo* (1996), da autora cearense Ana Miranda, é uma metaficção historiográfica, pois faz uma releitura da colonização no Brasil, especificamente em como funcionava a exploração das terras, dos escravos e dos nativos pelos portugueses. Nesse sentido, ela reescreve a história pela perspectiva da narradora-protagonista Oribela. A protagonista em questão, é uma órfã enviada ao Brasil, junto com outras órfãs, com a finalidade de se casar com os colonizadores portugueses já instalados no país, uma vez que na terra invadida a maioria das mulheres era composta por nativas e negras, faltando, segundo a ideologia racista e sexista vigente, mulheres brancas, portuguesas e cristãs para casarem-se com os colonos e, o intuito dos padres jesuítas ao pedir o envio das jovens era impedir a miscigenação e controlar as raças.

Oribela é vítima de estupros por parte do marido, fazendo com que ela tente fugir repetidas vezes, sendo sempre encontrada. Diante das tentativas de fuga da “esposa”, Francisco de Albuquerque se torna cada vez mais violento, torturando-a e prendendo-a para que ela não fuja mais. Oribela sofre, portanto, vários tipos de violência: psíquica, física e sexual. Todas, no entanto, são, em algum grau, legitimadas pelas estruturas política e religiosa do período. A primeira violência a qual ela é submetida, por exemplo, é infligida pela Igreja e pelo Estado, responsáveis pelo seu exílio e casamento involuntários.

V SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXIII Semana de Iniciação Científica

07 a 11 de Dezembro de 2020

Tema: "Os impactos e desafios da pandemia pela COVID-19 no ensino, pesquisa e extensão"



As violências sofridas por Oribela são ocasionadas pela sua condição de mulher, mas também pela natureza dos colonos portugueses, a quem essas órfãs, jovens e virgens, eram entregues. Dentre esses, como já afirmamos, muitos eram degredados, os rejeitados por Portugal que, nas novas terras, encontravam seu domínio sobre os povos que ali habitavam.

Portanto, a obra reconta criticamente esse momento histórico, mas dessa vez pela voz dos esquecidos, dos vencidos, e não dos vencedores, nesse caso, as mulheres.

5. Conclusão

Entendemos que os discursos históricos, assim como a os textos literários, são construtos humanos e possíveis de subjetividade, sendo propícios a ideologias padronizadas. Assim como entendemos que esses discursos partem de uma perspectiva padronizada e a metaficção historiográfica é um meio de trazer a pluralidade de discursos e pontos de vista que, até então, eram ignoradas e não mostradas. Nesse sentido, a obra *Desmundo* traz uma perspectiva sobre a colonização pela óptica dos vencidos e não dos vencedores, como é apresentado na História oficial.

6. Agradecimentos

Agradecemos ao PIBIC/FECOP pela oportunidade de desenvolver este projeto de Iniciação Científica com o apoio da bolsa de estudos.

7. Referências

- ESTEVES, Antônio, R. **O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-200)**. São Paulo: Ed. UNESP, 2010
- GOBBI, Márcia Valéria Zamboni. **A ficcionalização da história; mito e paródia na narrativa portuguesa contemporânea**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- GOBBI, M. V. Z. **Relações entre ficção e história: uma breve revisão teórica**. Itinerários, Araraquara, 22, 37-57, 2004. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/viewFile/2736/2473>>
- HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.
- MIRANDA, Ana. **Desmundo**. São Paulo: Companhia das letras, 1996.
- BAKHTIN, M.M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. -5. Ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- SANTOS, K.V.O. **Mulheres no brasil colonial: metaficção, violência e subalternidade em Desmundo**, de Ana Miranda. Revista MEMENTO - ISSN 1807-9717 Departamento de Letras - UNINCOR V. 10, N. 2 (julho-dezembro de 2019). Disponível em: http://periodicos.unincor.br/index.php/memento/article/viewFile/5887/pdf_167

V SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA
XXIII Semana de Iniciação Científica

07 a 11 de Dezembro de 2020

Tema: “Os impactos e desafios da pandemia pela COVID-19 no ensino, pesquisa e extensão”

